



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

ÁLBUM DE FAMÍLIA: DAS HISTÓRIAS QUE ME RECORDO E QUE DESEJO (RE)CONTAR

Rebeca Silva de Oliveira¹
Natália Viviane Santos de Menezes²
Henrique Cunha Júnior³

RESUMO

A fotografia chegou ao Brasil no século XIX, oportunizando famílias brancas e ricas a reproduzir o costume da elite europeia de montar álbuns de família. Esse também foi o período das primeiras fotografias de sujeitos negros vítimas do escravismo criminoso, onde suas imagens foram reproduzidas enquanto símbolos de subalternização. Com o passar do tempo, o direito à imagem, principalmente a narrativa contada por ela, ainda estava nas mãos dos mais privilegiados, vindo mudar apenas com a popularização do mundo digital, porém não de forma homogênea. Os álbuns de fotografias são materiais importantes e repletos de significados que atuam na manutenção da memória familiar, podendo nos reconectar com pessoas, territórios, momentos e principalmente afetos. Acreditando que as imagens trazem consigo suas próprias narrativas, questionamos: quais famílias podem narrar suas histórias? O que elas nos dizem? Quais histórias futuras são formuladas a partir do mergulho no emaranhado do tempo passado/presente? Este trabalho é formado por uma investigação artística autobiográfica que se debruçou sobre o acervo de fotos pessoais enquanto pessoa negra e de família afrodescendente, buscando resgatar lembranças, significados, experiências sensoriais que esses arquivos evocam. A partir do estímulo dessas memórias foi proposto um exercício (através das técnicas de ilustração e colagem digital) de criação de novas poéticas, significados e relações estabelecidas pela conexão entre tempos e pelo espaço armazenado entre lembrar e o imaginar novas realidades a partir de si. O resultado nos mostra a forte presença da saudade, principalmente de pessoas, representada pela reaproximação através da intervenção artística. Outros pontos são o apego aos costumes, o afeto por lugares como a casa, a lembrança de cheiros que as fotos despertaram e o interesse de se ver no rosto de parentes próximos. Os sentimentos aflorados foram uma mistura de alegria, afeto e nostalgia.

Palavras-chave: Álbuns de família; Afrodescendentes; Memória; Ilustração; Colagem.

INTRODUÇÃO

As fotografias são elementos que carregam consigo muita força quando o assunto é memória, pois são a fixação de um momento, histórias que se desejam preservar e pedaços da vida que não queremos esquecer. Com o avanço da tecnologia, o poder de captura saiu cada

¹ Mestranda do Curso de **Educação** da Universidade Federal do Ceará - UFC, beca.oliveira@alu.ufc.br ;

² Doutoranda do Curso de **Educação** da Universidade Federal do Ceará - UFC, nutrinalia@ufc.br ;

³ Professor Titular do Curso de **Educação** da Universidade Federal do Ceará - UFC, hunha@ufc.br ;

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Vigência 2023 - 2025.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

vez mais das mãos de apenas profissionais, e as próprias famílias puderam assim construir álbuns através da captura de si e dos seus.

Para Silva (2008) um álbum pode ser dividido nas seguintes condições: A família, a fotografia e o álbum fazendo parte de suas condições existenciais, já o ato de contar seria as condições narrativas. Tornando assim o álbum um objeto que existe não apenas para ser visto, mas também para ser escutado.

Langford (2001) em sua análise concluiu que o álbum funciona como uma evocação para a narração e sua estrutura se assemelha mais à lógica da oralidade do que da escrita. Fazendo-se entender assim que o álbum se propõe enquanto um arquivo que conta histórias, um livro de memórias que nos ajuda a narrar os eventos vividos, ou como fala Vitorino Brasileiro (2020): um “livro que não nos deixa esquecer”.

Porém quando falamos de memória a partir do cenário brasileiro, não podemos esquecer das grandes marcas escravistas coloniais que foram deixadas nas nossas vidas. A manutenção da memória através das fotos foi historicamente direcionada à população branca, nos levando a refletir quais indivíduos possuem o direito de rememorar e de não esquecer. Problematizando as ausências desses registros, mas também olhando criticamente em como essas marcas são expressas quando eles são existentes.

Para Costa (2022) pesquisar álbuns de famílias negras brasileiras é lidar com diversas complexidades como a miscigenação, o mito da democracia racial - e em especial famílias nordestinas - o peso das migrações que resultam na separação entre indivíduos e entre o seu território também.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa artística autobiográfica que tem como objetivo investigar lembranças, significados, experiências sensoriais a partir de fotografias retiradas dos álbuns pessoais e após isso realizar o exercício (através da ilustração e colagem digital) de criação/imaginação a partir das recordações.

Partindo do pressuposto de que esses registros foram tirados no passado, para serem vistos, remexidos e narrados no futuro. Além disso, a memória e a imaginação são processos mentais semelhantes (WARNOCK, 1994), podemos encarar então o álbum como uma matéria de ficção, nos dando a chance de fabular novas possibilidades narrativas.

Como resultado, foram encontrados diversos atravessamentos que passavam não somente pela biografia de si, mas pela consciência da importância da família na construção de uma caminhada. As ausências e as permanências se encontram ligadas pelo afeto que não permite que a mente esqueça e nem que o amor se apague.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

METODOLOGIA

Para o começo da produção do trabalho foram escolhidas quatro fotos presentes nos acervos de álbuns de fotografias familiares e a partir disso feita uma intervenção artística utilizando-se as técnicas de ilustração digital e colagem digital. A intervenção foi inspirada a partir dos conceitos de Afrofabulação (NYONG'O, 2018) e Fabulação Crítica (HARTMAN, 2008) onde o sujeito negro conta a história a partir de si. Tendo a ficção como maneira de reformulação da história, uma forma de lidar com a ausência e até mesmo a violência, ou seja, dispor-se de narrativas e construir novos futuros.

A proposta de Hartman se ampara no imaginar “o que poderia ter acontecido”, mas neste trabalho proponho acrescentar: “o que eu desejo que tivesse acontecido”, “o que aconteceu e as respostas que construí a partir disso”. Aqui percorro entre os espaços tênues entre a memória e a imaginação, acreditando que não é possível delimitar onde começa uma e termina a outra.

Corroborando com Dos Anjos (2021) ao pensar que não é da essência da arte manifestar a suposta verdade de evento algum, mas sim reorganizar pessoas, momentos e lugares a partir de um ponto de vista dissidente. E deixar subentendido para que chegue ao corpo daquele que se deixe afetar pelo território do sensível.

A RELAÇÃO HISTÓRICA DA POPULAÇÃO NEGRA E A FOTOGRAFIA NO BRASIL

A fotografia chega no Brasil em meados do século 19 com seus primeiros estúdios, era um processo que vinha sendo favorecido desde o século 18 pela força que a industrialização estava tomando, o que acabou tornando a fotografia um rito social empregado em famílias principalmente da Europa e em parte das Américas (COSTA, 2022).

Foi pelos chamados *cartes-de-visite* que surgiram os primeiros álbuns, principalmente através da popularização das fotografias em retrato. A partir de 1860, as fotografias tiradas em estúdios profissionais começaram a ocupar esses álbuns e/ou decorar os cômodos das casas junto às mobílias (LANGFORD, 2001). O *carte-de-visite* então, marca a possibilidade de uma fotografia mais acessível, pela fixação de imagens no papel, sobretudo as dos familiares e as de si mesma (KOUTSOUKOS, 2021).



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Ao chegar no Brasil a fotografia e a criação dos álbuns de famílias estabeleceram-se como costumes específicos de famílias burguesas, dado à época ainda em contexto escravista no país. Percebendo-se assim, que essa arte nasce a partir de uma forte matriz colonial, onde os direitos às narrativas e as manutenções de memórias foram historicamente garantidas apenas a um seleto grupo de indivíduos.

Em uma pesquisa realizada por Sandra Koutsoukos no livro *Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX*, a autora permeia diversos arquivos públicos e particulares datada dessa época, e conta como foi possível encontrar álbuns apenas de famílias brancas, sendo as fotografias de famílias negras resumidas a fotografias avulsas que sobreviveram.

Koutsoukos ao manejar os álbuns das famílias da antiga burguesia brasileira, encontrou a ausência de imagens escolhidas para serem guardadas em outros lugares, como também escritos à lápis indicando que ali haveria retratos de pessoas negras escravizadas, que posaram sozinhos ou junto aos membros da família no estúdio.

A presença de amas de leite se destacam nas fotografias comparadas aos outros empregados domésticos, Talvez isso aconteça devido ao lugar de relação mais “íntima” com a família, ou seja, o cuidar de uma criança. Porém além disso, as amas foram por muito tempo um “tema” para a sessão de fotos, funcionando mais como uma moda a ser copiada (KOUTSOUKOS, 2021). A autora também reflete a composição dessas fotos como: as roupas à moda europeias e a presença da criança branca no colo da mulher negra.

Podemos relatar diversas formas de como a fotografia foi utilizada para a representação do sujeito negro a partir da óptica racista e colonial: Desde a sua utilização pelo racismo científico nos estudos antropológicos, biológicos e medicinais a fim de justificar suas teorias. Ou da exotificação de corpos negros tratados como “elementos de composição de cenário” ou mesmo no uso doméstico de fotografias. Vemos que os arquivos sobre essas populações foram montadas a partir da visão do outro, sendo-lhes negados o direito de registrar sua própria forma de lembrar e rememorar, cabendo-lhes muitas vezes o abismo e o apagamento.

Quando pensamos mais recentemente na fotografia analógica junto à “Cultura Kodak” (CHALFEN, 1987), ainda sim a ausência de acesso à tecnologia da câmera fotográfica em famílias negras era visível e até hoje compartilhamos de experiências da falta de registros e até mesmo de conhecimento dos familiares mais antigos.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

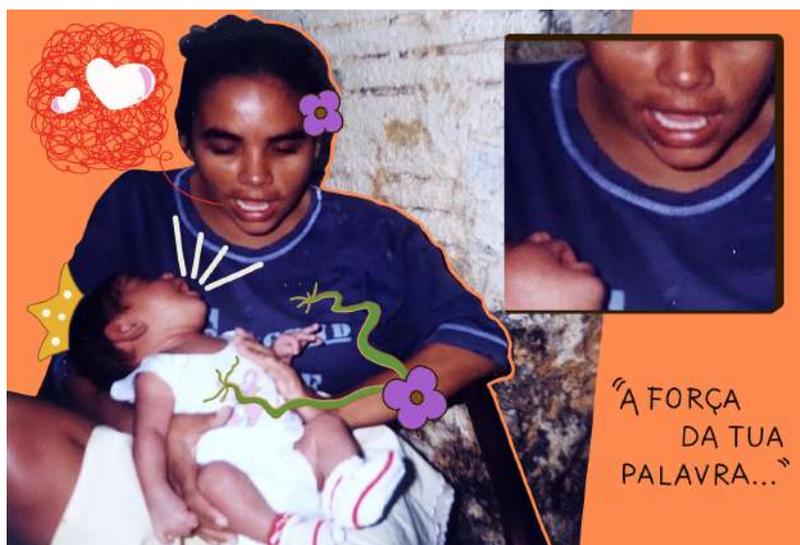
Depois de refletir o cenário histórico de apagamento e violência dos usos das imagens da população negra, discutiremos a contraposição desse fato através do resultado. Refletindo a importância das narrativas criadas pela e a partir das fotografias de uma família negra.

RESULTADOS

O trabalho artístico foi nomeado de “O que carrego em mim”, aqui explicitar a sua construção, a escolha das fotos, as mensagens que elas me fazem sentir e como isso levou às intervenções produzidas incorporando a memória e a ficção/fabulação.

Esse conjunto de obras têm a mim mesma como personagem norteadora, isto é, a sequência de fotos foram escolhidas a partir da passagem dos anos de minha vida, partindo de uma idade recém nascida até os meus 12 anos. Porém, a narrativa se estende principalmente às pessoas que atravessam essa caminhada, sendo elas os meus familiares.

A primeira parte da obra é chamada de “Tua palavra”, nela escolhi uma fotografia muito querida e importante para mim, que possui a minha mãe comigo ainda bebê em seu colo. Trata-se de um arquivo que sempre me chamou muita atenção pelo fato de nele tanto minha mãe quanto eu estarmos de boca aberta, o que sempre me deu a sensação de ela estar me ensinando a falar.



Parte 01 - Título: “Tua palavra - Fonte: arquivo pessoal

Apesar de não ser algo realmente possível devido à minha idade neste registro, parto para a ficção do que pode ter sido e acontecido justamente por não possuir memória alguma



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

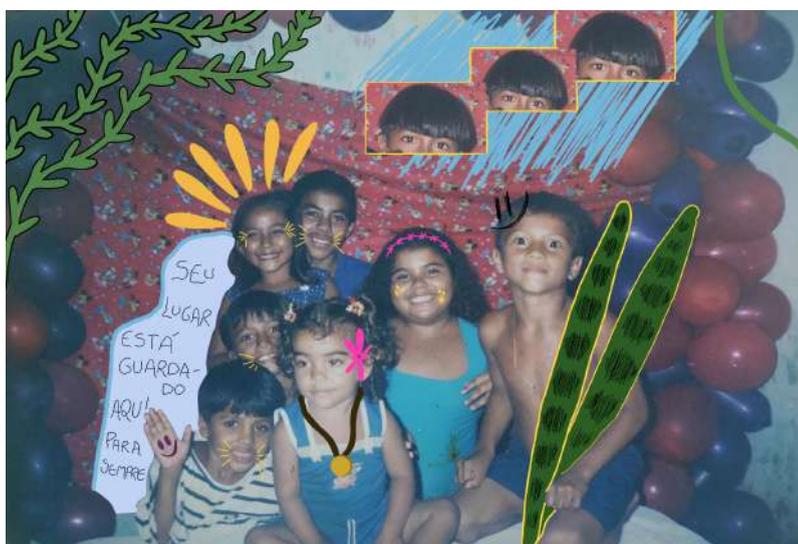
desse momento. Talvez essa seja a obra mais ficcional dentre todas, ela é construída somente a partir das emoções que o olhar para essa foto sempre me trouxe e ainda me trás.

Por consequência é o arquivo que mais me possibilita criar e reinventar histórias. Devido a sua porosidade consigo tecer novas visões, não por ser um arquivo incompleto, não quero propor um trabalho a partir dessa perspectiva, não desejo aqui completar algo, mas sim reconfigurar no sentido de ir além do que é empírico.

É possível perceber alguns elementos criados a partir da ilustração, o primeiro são os ramos que interligam a mim e minha mãe, tendo eles enraizados em nossos peitos. Com isso eu desejei expressar os diversos tipos de ligações que essa fotografia me remete, pois nela em específico é possível perceber a intensa semelhança da imagem da minha mãe à minha imagem atual. Além da ligação biológica entre mãe e filha, temos a ligação física com ela me carregando em seu colo e a ligação emocional que carregamos conosco, por isso no meio desses ramos brota-se uma flor, símbolo do afeto nascido dessa relação.

Da boca da minha mãe saem emaranhados formando um balão e ao invés de palavras decidi colocar corações, para que simbolizassem os ensinamentos de amor, da minha boca saem traços como tentativas de falas, ainda não reconhecidas porém potentes.

Por fim, realizei uma colagem da própria fotografia original dando ênfase à nossas bocas, pois apesar da ideia da fala ter partido de algo subjetivo, desejei retratar (por meio também da frase) a força do conhecimento construído através da oralidade a partir dos ensinamentos Bantu (ALTUNA, 1985), refletindo como esses costumes passam por nossos familiares e está introjetado nas famílias negras brasileiras.



Parte 02 - Título: “Teu lugar” - Fonte: Arquivo pessoal



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A segunda parte da obra se chama “Teu lugar” e foi escolhida uma foto que se passa no quintal da minha casa durante a comemoração do meu aniversário de 2 anos. Ela é uma de muitas desse momento, mas em especial nela está: eu (a criança menor), minha irmã (cabelo cacheado e blusa azul claro) e meus primos mais próximos naquela época.

Essa imagem me desperta bastante alegria pela presença e magia que é ver o sorriso de crianças negras. Podemos ver a alegria nos olhos, com certeza é a captura de um momento feliz. Outra coisa que guardo carinho é pela simplicidade dessa festa, o lençol de fundo como parte da decoração, o arco com bolas e nós em cima da mesa posando juntos para a foto.

Porém uma coisa que me chama atenção é a falta de uma pessoa, especificamente um primo que hoje não se encontra mais entre nós. Uma corrente de pensamentos e dúvidas atravessam a minha mente para a construção dessa intervenção: Penso na coincidência da falta dele nesse momento feliz, o porquê dele não estar ali já que seus outros dois irmãos estão, penso sobre em qual lugar ele poderia estar no exato instante onde a câmera captou essa fotografia.

Aqui em específico eu quis mergulhar no luto e resgatá-lo para dentro da imagem criada, como um ato de entrelaçar o presente ao passado e transformar naquele futuro onde mora o talvez. Para isso eu desenhei apenas a sua silhueta, do lado dos seus irmãos, determinando que ele está ali, apesar de não conseguirmos vê-lo, mas ele está presente.

Presente assim como ele estava naquele dia. Sim, ele estava na festa, mas não está na foto, não está no material, no visível. A mensagem que desejo expressar é como a foto conversa profundamente com o passado e também com o hoje através da ausência, pois novamente ele não se encontra no material, mas está presente entre nós, na nossa memória.

Em cima de sua silhueta escrevo com letras trêmulas “Seu lugar está guardado aqui para sempre” representando a sensibilidade e delicadeza desse sentimento. Para a colagem, peguei outra fotografia (da mesma festa) que havia a sua imagem e recortei apenas os seus olhos, que estão olhando intensificadamente para frente, como se olhasse de volta para nós. Meu desejo era transpassar a sensibilidade e força desse olhar.

No restante das crianças eu quis evidenciar os pontos de alegria, marcando os sorrisos e os olhos que sorriem juntos. Um dos primos carrega uma espada de São Jorge como um ato e pedido de proteção para nossas vidas e futuros. Essa não é uma narrativa de possibilidade, mas sim uma fabulação de desejos profundos, do que eu gostaria que tivesse acontecido.

A terceira parte da obra se chama “Tua vida”, a foto escolhida se passa no aniversário da minha avó, também no quintal da minha casa, o bolo está posto em cima da cacimba que



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

existia antigamente, sendo coberta com uma toalha de mesa simples. Naquele dia aconteceu um terço em comemoração ao aniversário e depois as amigas da minha avó trouxeram um bolo para bater os parabéns.

Nessa parte da obra eu venho brincando com o jogo de palavras utilizadas na canção de parabéns. Onde assim como um pedido, uma evocação, repeti diversas vezes a palavra “vida” desejando a minha avó que a sua fosse mais longa.



Parte 3 - Título: “Tua vida” - Fonte: Acervo pessoal

Minha avó foi uma mulher que teve que enfrentar muitos problemas de saúde durante sua jornada carnal e na velhice as comorbidades acabaram por lhe tirar muitas possibilidades. Ela faleceu com apenas 70 anos e nessa arte eu construo uma realidade diferente da vivida no passado. Eu clamo ao universo muita vida, longa, saudável, alegre e feliz.

Desenhei um grande coração em seu corpo, pois acompanhamos por muito tempo esse órgão se tornar a sua fragilidade. Aqui eu imagino o seu coração gigante e forte, sendo uma característica passada para as futuras gerações, tendo como representação um grande coração em meu corpo também.

Trago o símbolo de sankofa, no qual também nos remete levemente à imagem de um coração, mas que traz o significado das aprendizagens deixadas por minha avó e que são tão necessárias para a minha formação enquanto pessoa. A sua memória ainda permanece muito viva no imaginário de muitas pessoas, ela possuía uma personalidade única, e essa foi uma pequena homenagem a tudo o que um dia ela foi e a tudo o que ela representa para nossa família.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Por fim, concluo esta obra com a parte 04, na qual é chamada de “Teu abraço”. Para ela eu trago duas fotos, ambas possuem a minha mãe como um elemento que conexão e para essa arte eu optei por fazer uma colagem tornando as duas fotos em apenas uma.



Parte 04 - Título: “Teu abraço” - Fonte: Arquivo pessoal

Essas fotos se passam durante a celebração de crisma da minha irmã e no meu aniversário de 12 anos. Olhando essas duas fotos percebi o quanto elas possuem uma ligação: a da esquerda minha mãe abraçando a minha irmã e a da direita ela me abraçando. Com isso, eu desejei expressar a importância da minha mãe nas nossas vidas, o quanto ela cuidou de nós e sempre fez o possível para que nos tornássemos quem somos hoje. Reconheço que sem ela e a forma do seu amor nada seria possível.

Então trago essa perspectiva do “abraço-casa”, de morarmos dentro do seu abraço como significado de estarmos constantemente à sombra de sua proteção. As raízes dessa casa se dissipam e nos acolhem, entornando nossos corpos que também se encontram entrelaçados. As folhas cordiformes (em forma de coração) são como o símbolo e o resultado da relação da minha mãe com a minha irmã e comigo separadamente, mas também o elo que liga todas nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o trabalho conseguiu resgatar diversas memórias que estavam guardadas junto com os arquivos que pareciam inexistentes até o momento de não mais o serem. Para a população negra o apagamento, as ausências, as perdas são fatores delicados de se tocarmos, mas o exercício de reelaborar as narrativas através da fabulação funciona como resgate de



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

vida e memória daqueles que foram socialmente subordinados. É o processo de retomada do poder de quem pode falar - agora por si. Construindo seu próprio futuro, mesmo que ele seja amparado através do imaginar, crendo que o imaginar ainda é o processo de não esquecer, sendo este último a pretensão real do trabalho artístico aqui desenvolvido.

REFERÊNCIAS

ALTUNA, Raul Ruiz de Asús. A cultura tradicional banto. Luanda: **Secretariado Arquidiocesano de Pastoral**, 1985.

CHALFEN, Richard. Snapshot versions of life. Bowling Green: **Bowling Green State University Popular Press**, 1987.

COSTA, Rodrigo Lopes. Álbum De Família Na Arte/educação: Matéria De Ficção. 252 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - **Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**, São Paulo, 2022.

DOS ANJOS, Moacir. Arte como encruzilhada. **Revista Zum**, São Paulo, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://revistazum.com.br/colunistas/arte-comoencruzilhada/>. Acesso em: 09 out. 2023.

HARTMAN, Saidiya. Venus in Two Acts. In: **Small Axe**, 1 June, 2008.

KOUTSOUKOS, Sandra. Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX. Campinas: Editoria da **UNICAMP**, 2021.

LANGFORD, Martha. Suspended conversations: the afterlife of memory in photographic albums. Montreal: **McGill-Queen’s University Press**, 2001.

NYONG’O, Tavia. Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life. New York: **NYU Press**, 2018.

SILVA, Armando. Álbum de família: A imagem de nós mesmos. São Paulo: **Editora Senac**, 2008.

VITORINO BRASILEIRO, Castiel. Álbum de família, morte e vida na cultura Bantu. [Entrevista concedida a] Douglas da Silva e Rodrigo Lopes. In: FRANCISCO, C. (org.). Negritude Infinita: o cinema é negro. Fortaleza: **Casamata**, 2020. p. 82–95. Disponível em: https://issuu.com/acasamata/docs/negritude_infinita_24052021 . Acesso em: 09 out. 2023.

WARNOCK, Mary. Memory: the triumph over time. **MLN**, v.109, n.5, p.938-950, dec, 1994.